

MARIA VALÉRIA REZENDE

**Modo de apanhar
pássaros à mão**

ALFAGUARA


Dilema

Não é possível, só me faltava esta! Alícia relê o cartaz colado à porta do elevador: “*Comunicamos aos senhores condôminos que este equipamento está fora de serviço e interditado pelas autoridades por total falta de segurança. Considerando que o condomínio tem pesado déficit, não havendo recursos para a troca do elevador que está inteiramente obsoleto, a interrupção do serviço é por tempo indeterminado. Ass: O Síndico*”. Inacreditável! O pacote de livros que carrega dobra de peso imediatamente, dá vontade de chorar só de pensar nos seis andares a subir a pé!, encaminha-se para o sombrio vão da escada querendo sentar-se nos primeiros degraus para absorver o choque e acumular forças. O lugar já está ocupado: caladinha e sorridente lá está Dona Romana, como sempre carregada de uma infinidade de sacolas, do grande guarda-chuva preto de cabo de osso que lhe serve de sombrinha e de bengala, daquela capa de chuva de gabardine que hoje só se vê em filme antigo, do *foulard* cor de maravilha e quem sabe do que mais?, esperando, com certeza, que alguém se disponha a içá-la ao sexto andar. Alícia não tem como escapar, ô azar!, é a única pessoa que vive no mesmo andar que essa velhinha miúda e misteriosa, originária de algum daqueles países que compõem, no atlas mental de Alícia, a nebulosa intitulada Europa do Leste que recobre tudo o que está para lá da Alemanha até as vagas fronteiras das Rússias. Dona Romana, rechonchudinha, idade incalculável, o rosto rosado, onde veinhas azuis desenham um craquelê de louça antiga, emoldurado por uma névoa de cabelos brancos, um meio sorriso permanente, os olhinhos azuis sempre cheios de lágrimas que nunca escorrem e conflitam com os lampejos de humor ou ironia que de vez em quando os atravessam, fugazes. Aflitivo...

Causa-lhe sempre desconforto encontrar-se com Dona Romana no elevador, tenta evitar olhá-la mas não consegue despegar a vista daquelas quase lágrimas, sempre prestes a cair, sempre retidas, os olhos de Alícia parece que têm vida própria e teimam em voltar ao mesmo ponto. Também, esse elevador é uma coisa tão apertada, tão indiscreta!, quando sobe aquele halterofilista do oitavo andar, então, Alícia, injuriada, tem de se encolher num dos ângulos porque ele, todo folgado, chega a pôr as mãos na cintura para exibir a musculatura, ocupando quase todo o espaço e ainda olhando de esguelha para avaliar a reação dela. Revoltante!

Revoltante é ela, Alícia Maria Cordeiro Lobo, ter de viver num prediozinho chué como este, com a cultura literária que acumulou, com o gênio que sabe que tem, embora até hoje desconhecido, desconhecido não, desprezado, vítima de uma inexplicável perseguição do anonimato. Não há recursos para comprar um novo elevador! Ela que paga pontualmente o condomínio, aguentar isto por causa da tal inadimplência, ô palavrinha!, dos outros e ainda arrastar Dona Romana e seus badulaques por seis andares! É o jeito: o porteiro, que não é besta, deixou escrito um recado de que teve de ir ao médico.

Vamos, Dona Romana, eu ajudo, com muito prazer, ô mentira! Quase uma hora de escalada, carregar a bolsa, a pasta e os livros até o patamar do primeiro andar, voltar, agarrar como pode os pacotes de Dona Romana, voltar, ajudar a velhinha a levantar-se e apoiá-la degrau por degrau até o primeiro andar, fazê-la sentar-se no início do novo lance da escada, recomeçar passo a passo. No meio da subida para o terceiro andar, lá vem o halterofilista todo lampeiro, subindo de dois em dois degraus, ocupando toda a largura da escadinha estreita, Alícia encolhida contra a parede ainda tem de ouvir: coisa boa, não é, senhoras?, malhação grátis! Engraçadinho, malcriado, indecente!, nem se oferece pelo menos para carregar alguma coisa até lá em cima. Dona Romana e seu risinho irônico... Do terceiro para o quarto, três adolescentes assanhadíssimas, fechadas em seu mundinho de risos tolos, sobem correndo, esbarram no cotovelo de Alícia, nem olham para trás, os livros

espalham-se pela escada abaixo. Ô mundo, esse! Dona Romana, com suas lágrimas pendentes, repete o tempo todo: obrigada, coitadinha!, obrigada. Alícia, levemente envergonhada, toca a subir, lutando bravamente contra a falta de ar e a má vontade. Do quarto para o quinto andar, fica meio tonta por efeito do perfume de violetas exalado pelo *foulard* de sua vizinha que, chegando ao patamar seguinte, já não se senta, desaba no primeiro degrau do último lance, perdido o rosado das bochechas agora quase roxas. Alícia baldeia a bagagem de ambas, que já pesa mais de cem quilos, até o sexto piso, respira fundo, vasculha a bolsa, encontra a chave, abre seu apartamento com a imensa tentação de lançar-se sobre o sofá, mas tem de terminar a tarefa de resgate. Que nada!, impossível levantar Dona Romana que ofega, emudece e, finalmente!, deixa escorrer uma de suas lágrimas que fica inteira, como um *cabochon* de cristal, brilhando no *foulard* de seda. Os olhinhos azuis estão baços, apesar das lágrimas persistentes, miram a vizinha suplicantes, imensamente tristes sem a companhia do sorrisinho que desapareceu por completo, e se fecham devagarinho, deixando várias gotas dependuradas nos tocos de cílios brancos que ainda lhe restam. Ô, meu Deus!, não vá ela morrer aqui, nos meus braços!, Alícia se desespera, vai buscar um copo d'água, tenta fazer a velhinha beber, só consegue molhar-lhe os lábios. Arreia ela também nos degraus, arrima-se à parede e fica, antes por desistência do que por paciência, exausta, nem é capaz de pensar em nada mais senão em Sísifo empurrando eternamente sua pedra montanha acima. Desperta assustada sentindo um leve toque na mão, reencontra os olhinhos azuis e um laivo de sorriso, ouve um sopro: podemos ir. Como num pesadelo, Alícia ampara Dona Romana até conseguir empurrá-la para cima da cama alta e coberta por um dossel de veludo esverdeado, precisa ir ao banheiro urgentemente, atrapalha-se no apartamento inverso do seu, encontra a porta no último momento, alivia-se, e não se lembra de mais nada senão do ruído do jato de xixi soando alto no apartamento silencioso.

Primeiro o perfume de violetas murchas, depois a claridade forte

atravessando as pálpebras, o cheiro do café e finalmente a cara de Dona Romana pendendo sobre ela, os olhos de novo reluzindo cheios de lágrimas interrompidas, o meio-sorriso que vai se abrindo inteiro, e a mãozinha enrugada balançando o chaveiro de Alícia que se acha escarrapachada num suntuoso sofá coberto de veludo verde capitonê, meio roído de traças. Ainda tonta de sono, endireita-se, percebe o zíper da calça aberto, fecha-o afobadamente, custa a compreender que adormeceu ali, deixando abertas as portas, os pacotes no hall do elevador, a velhinha largada na cama, desculpa-se, aceita o café e um pãozinho amanhecido, espanta-se de ver Dona Romana tão lépida a agradecer-lhe a ajuda de ontem, e diz que não foi nada, ô mentira!, que quando precisar é só chamar, vê no relógio rococó, exposto sobre uma credência de bela marchetaria, que há muito perdeu a hora de chegar à editora. Ainda terá que explicar-se com o editor que já não gosta dela, tem certeza que não gosta. O jeito agora é correr. Nem pode ir ao supermercado como planejou, terá de ir na volta do trabalho... supermercado... elevador... carregar as compras... ai!... e Dona Romana, como fará? Não fará. Farei eu, ô azar!

O resto do dia é de trabalhos forçados, revisar um texto chato a mais não poder. Por que não me dão bons romances em vez desses livros de autoajuda neste triste português rasteiro?, ah!, porque isso os juvenzinhos promissores não querem fazer, vão todos ser grandes escritores, revolucionar a literatura, e o idiota do editor acredita nisso, vive bajulando os meninos gênios enquanto a mim... mal paga o que me deve, ô injustiça! Hoje ele ouve com cara descrente as explicações de Alícia pelo atraso, só balança a cabeça já voltando-se todo sorridente para o novo estudante que contratou, ô grosseria! Nessas horas Alícia vê e ouve de novo a cara e a voz dele quando lhe devolveu os originais do seu romance denso e profundo, quatrocentas páginas vazadas em belíssima linguagem que explora toda a tessitura da língua, obra-prima, ela tem certeza!, e ele: correto, um texto correto, sem dúvida. Mais nada, só correto, nem mais uma palavra sobre o assunto. A expressão ficou-lhe

n'alma como um calo, daqueles que não doem propriamente mas nunca se deixam esquecer, um calombo permanente na área literária de seus pensamentos, no qual tropeça cada vez que pensa em enviar a outro editor seu romance, que revisa e reformula sem cessar, tentando aplicadamente tirá-lo da mera condição de correto e fazê-lo tornar-se transgressor, como dizem os garotos que há de ser a literatura de regra hoje em dia.

A vida de Alícia agora mudou, não como ela esperava e desejava, mas tudo ficou diferente. O elevador tornou-se apenas muda e imóvel testemunha de tempos melhores, assim como os estofados, cortinas e dosséis de veludo, o tapete persa puído, as credências, a penteadeira e a conversadeira marchetadas, os cristais da Boêmia, embaçados, vasos e xícaras de Limoges, esbeçados, os Wedgwoods, redecorados pelas moscas, a lâmpada de Gallé, rachada, as pratas inglesas, escurecidas como estanho, o tremó barroco cujas manchas ainda deixam entrever que o espelho já foi rosado, os livros encadernados em couro com os restos de douração brilhando, enfim, o surpreendente tesouro de antiguidades, ou apenas velharias em mau estado?, que entulham o pequeno apartamento de Dona Romana. Mudaram os horários de Alícia, que agora tem de ir ao supermercado todos os dias, trazendo pouco a pouco as encomendinhas da vizinha e suas próprias compras. Mudaram as batatas das pernas, crescidas e endurecidas, definidas, dizem os meninos: malhando, hein, Dona Alícia! Que coisa!, já cansei de pedir que não me chamem de dona. Mudaram seus serões: não mais a nobre solidão da artista em transe criativo, não mais o monástico silêncio do qual tanto se orgulhava, substituídos pelas visitinhas diárias para entregar as compras de Dona Romana, o convite para uma sopinha, o deixar-se ficar e a conversa que se segue da qual Alícia, a contragosto, gosta.

O que é que tem essa velhinha que, como quem não quer nada, desata minha língua e me faz contar meus segredos, ô vergonha!, mesmo os mais humilhantes? Alícia vai, aos poucos, contando tudo. Quando vê, já é tarde, já contou que seu sonho mais profundo, desde menina, é o de

ser uma grande escritora, reconhecida e respeitada, que renunciou a tudo na vida em favor desse ideal, que estragou a vista lendo com qualquer luz, a sacolejar nos ônibus, espirrando no mofo das bibliotecas para devorar todos os clássicos da literatura brasileira, portuguesa e universal, que desmanchou um noivado para estudar letras, que renunciou a uma bela carreira acadêmica na melhor universidade para não dispersar suas energias em nada senão em sua arte e que, afinal, tendo escrito milhares de belas páginas, nunca conseguiu que lhe publicassem nada e que vive dando voltas e voltas à questão para tentar compreender por quê. Explicou que chegou a pensar que a razão fosse seu nome, esse nome que sempre lhe causou problemas, desde a adolescência, porque, ô destino!, todos os livros didáticos de português teimavam em estampar aquelas horríveis fábulas em que há sempre um lobo comendo um cordeiro, e os colegas, maliciosos, não perdoavam. Cada vez que um professor chamava Alícia Maria Cordeiro Lobo, um coro cruel respondia: Cordeiro de mãe, Lobo de pai. Contou que, no início de sua suposta carreira, imaginara o reconhecimento literário que teria como uma bela vingança para aqueles sofrimentos juvenis e manteve o nome completo na página de rosto de seus escritos. Mas a glória não vinha e, quando ouviu um escritor famoso dizer que nenhum autor fazia sucesso com mais de dois nomes, embora não fosse bem verdade na terra de João Guimarães Rosa, José Lins do Rego, Lygia Fagundes Telles, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Mello Neto, Caio Fernando Abreu, Rosa Amanda Strausz e assim por diante, achou que o malfadado nome podia ser mesmo a razão de seu azar e pensou em usar um pseudônimo, recuou porque lhe pareceu uma covardia, tentou reorganizar o próprio nome de várias maneiras e acabou escolhendo apenas Alícia Lobo, que soa como a alternativa mais nobre e forte. Mas, que nada, Alícia Lobo até agora não conseguiu mais do que Alícia Maria Cordeiro Lobo, a não ser constar como revisora de muitos livros dos outros, emprego que conseguiu quando o pai morreu e ela descobriu que não restava nada no banco.

O fato é que os olhos lacrimosos de Dona Romana sabem expressar

não só humor e ironia, mas também um sincero interesse que a induz a falar, falar sem parar e a faz até confessar, ô indignidade!, que só pôde comprar esse apartamentinho em Copacabana porque se submeteu a traduzir, anos a fio, aqueles lamentáveis livrinhos água com açúcar que se vendem em bancas de jornal. Isso, porém, quem assinou foi Maria Cordeiro. Alícia Lobo, nunca!

Dona Romana já é outra coisa, misteriosa como ela só! Alícia pouco consegue descobrir, a não ser que é judia, viúva, que fugiu da Tchecoslováquia por causa da perseguição nazista, que já foi rica, que conhece várias línguas e tem cultura refinada. Boa parte disso nem foi a velhinha que disse, Alícia concluiu pelo que o apartamento contém, observando os móveis e objetos, examinando os livros nas estantes. Não sabe que idade ela tem nem de quê vive, apenas que a cada mês vem visitá-la o Senhor Kafka, evidentemente judeu como Dona Romana, com jeito de rabino, segundo Alícia, tranca-se com ela no quarto por alguns minutos e no dia seguinte a velhinha lhe entrega uma lista de compras e o dinheiro. Além disso, Alícia apenas tem notado que sua amiga está mais pálida, respira com mais dificuldade, parece pouco a pouco diminuir de tamanho.

Dona Romana está enfraquecendo. Vai ver que é a falta de exercício, já que há três meses não pode sair de casa. Alícia preocupa-se ainda mais quando a velhinha lhe entrega a chave de seu próprio apartamento. Ô, meu Deus!, o que eu hei de fazer se acontece alguma coisa com ela?

Carregada de sacolas do supermercado, Alícia usa o cotovelo pra bater na porta de Dona Romana, que não responde, com certeza não ouviu, a campainha já não funciona há muito tempo, é preciso largar os pacotes no chão, libertar uma das mãos para bater mais forte com os nós dos dedos, depois com o chaveiro de metal, e nada, ô que aflição!, Alícia lembra-se da chave que tem, mas hesita, não quer enfrentar o perigo de abrir a porta e encontrar... o quê? Tentação de trancar-se em seu apartamento e ignorar tudo, de chamar o porteiro, mas, por outro lado, um sentimento de responsabilidade e lealdade comanda a mão que

procura, nervosa, a chave no fundo da bolsa. Mete a chave na fechadura, espera um pouquinho, cria coragem, gira a chave e abre a porta sem poder evitar o ruído do trinco e o guincho da dobradiça velha para então ouvir, aliviada, um jovial uhu!!! Lá está Dona Romana, sorridente, um novelo de gente, camisola, lençóis e almofadas tudo cor-de-rosa sob o dossel verde-mofo. Uma alegria! São apenas as pernas, o velho reumatismo, a falta de exercício, Dona Romana vai muito bem, apenas não se pode levantar sozinha, isto vai passar logo.

Há meses que o reumatismo de Dona Romana vai passar logo e que Alícia assume o papel de enfermeira, companhia e, afinal, dona da casa. Sua literatura teve de ser posta entre parênteses mas isto vai passar logo, tanto quanto os achaques da velhinha. Alícia não confessa mas, no fundo, está gostando, sobretudo pela oportunidade que tem tido de xeretar nos misteriosos guardados da outra, atendendo aos constantes pedidos de Dona Romana para que procure uma coisa ou outra nos armários e gavetas, muitas vezes um mimo, um pequeno camafeu, um finíssimo binóculo para ópera, um livro, uma caixinha de lenços de renda de Bruxelas que quer dar a Alícia como forma de agradecer-lhe os cuidados. Até agora, a bisbilhotice da escritora só lhe tinha rendido mais perplexidade sobre a verdadeira personalidade e a intrigante biografia da vizinha, além de algumas sugestões interessantes para algum trecho descritivo de um personagem que ela um dia há de criar. Mas nesta tarde de sábado, enquanto a outra dorme sua sesta, Alícia se aventura a esquadrinhar mais profundamente o estranho armário, que enche um terço da sala, cheio de gavetas e desvãos sugerindo compartimentos secretos e, abrindo uma gaveta quase invisível, perfeitamente encaixada e disfarçada em complicadas folhagens entalhadas, encontra três grossos cadernos de capa dura, atados com uma fita desbotada e cobertos de ponta a ponta pela fina escritura de Dona Romana, a mesma que, apenas mais trêmula, ela lê todas as semanas nas listas de compras a fazer. Impossível resistir e Alícia deixa de lado sua tão prezada discrição, agarra os cadernos, fecha devagarinho a gaveta, corre ao seu apartamento e

*image
not
available*

candidata a escritora, sabendo que, de certo modo, nada será mais como antes em sua literatura, Dona Romana a guiará como anjo inspirador e a ela cabe apenas confiar e trabalhar, trabalhar muito.

Trabalhar muito é o que Alícia tem feito ultimamente, inclusive para redimir-se dos muitos atrasos e erros que deixou passar durante seu desvario dos últimos meses de vida de Dona Romana e que quase lhe custaram o emprego. Hoje até trouxe trabalho para casa, já que ainda não está pronta para começar a pôr no papel o novo romance que se está gestando dentro dela, e vai passando distraída em direção à escada, quase dá um encontrão no porteiro que lhe estende um grosso pacote, endereçado a ela e exibindo o logotipo da mais prestigiosa casa editorial. Trabalho extra, pensa Alícia, e enfrenta os degraus com um pouco mais de peso a carregar. Larga os pacotes sobre a mesa, toma um banho, come sua refeição leve, segue mais ou menos o noticiário da televisão, apaga o aparelho quando se anuncia a novela e abre, meio distraída, o pacote que o porteiro lhe entregou. O papel pardo externo envolve dois outros pacotes de espessuras diferentes e um envelope comprido que Alícia abre com pouco interesse, retirando a cartinha formal, em papel timbrado do editor, passa-lhe os olhos em diagonal, supondo que já sabe o que diz, mas alguma coisa parece errada, há parágrafos longos demais, palavras inusitadas em simples encomendas de trabalhos de revisão, volta ao alto da página e põe-se agora a ler com um pouco mais de atenção, nada compreende, ô cansaço!, tira os óculos, esfrega os olhos, recomeça e não pode crer no que lê: o editor quer sim publicar *seu bellissimo livro*, pede-lhe que reveja a transcrição do manuscrito e que aguarde em breve uma visita para tratar do contrato. Como é possível?, seu livro?, seu livro apenas correto?, se nunca o mandou a essa editora, se as únicas duas cópias existentes estão engavetadas há anos?, transcrição de manuscrito? Revira o envelope, o papel pardo, relê o cabeçalho, está tudo destinado a ela mesma, Alícia Lobo, endereço exato, não há engano do correio nem do porteiro, volta-se para os dois pacotes menores, abre o mais grosso e reconhece imediatamente os cadernos de Dona Romana, o coração salta

*image
not
available*

encostado ao peito dela, dando-lhe água de gota em gota com o bico de uma folhinha de laranjeira, pedacinhos de fruta, o sagui cada dia melhorando, já olhando e rindo para ela feito gente, agradecido, puxando-lhe os cabelos, ai como está ficando danado esse bichinho!, não tem juízo, querendo soltar-se, voltar pro mato, pra ficar outra vez doente e morrer?, não pode, não deixo, não largava o macaquinho nem um segundo, não fosse escapar para a capoeira. Que difícil viver assim fazendo tudo com uma só mão!, a outra mão agarrando o rabo do bicho, não entregava a ninguém, com medo de traição, fossem soltar, não confiava. “Essa menina vai ficar doente, vigia que magrinha está, não come nem dorme por mor desse sagui, larga disso, Irene, solta esse bicho, dorme!” Então Simão foi para a feira e trouxe uma correntinha fina, fez uma coleirinha macia de couro de cabrito, Irene agora podia dormir, brincar de roda pegada das duas mãos, normal, trepar nas mangueiras, com o sagui seguro na ponta da corrente atada ao pulso dela, ao pé da mesa, a um tronco de goiabeira. Não sabe como foi que se descuidou, só se lembra do susto, da correria, o sagui correndo, correndo, solto no terreiro, correndo, correndo danado em volta da casa, ela correndo, correndo atrás dele, tanto, tanto que já não podia respirar, zozza, zzzozza, zzzzzozza, a correntinha solta serpenteando à sua frente, um último impulso, a correntinha ao alcance do pé, o salto, o pé de Irene pisando a corrente, o tranco da coleira no pescocinho fino, enforcando, o corpinho peludo arrefecendo entre as mãos dela, os olhos dele pedindo-lhe socorro, apagando-se, a dor de Irene, a culpa, a culpa dela que nunca mais passou, já faz tanto tempo!, até hoje... Para de pensar, mulher, pensa nada, pensa vazio como essa rua, pensa nos cotovelos doendo de estar assim apoiados na beira da janela, estou tão magra!, é da doença... Afasta-se da janela, atravessa o quarto, as tábuas bambas do assoalho, qualquer dia esse chão afunda e a terra me engole, o saguão vazio, ninguém, não há clientes, comeram e beberam demais, estão dormindo em seus esconderijos em algum lugar dessa imensa cidade abandonada, domingo à tarde tudo dorme, as outras mulheres todas dormem, só Irene

*image
not
available*

um ordálio ao qual porém a paixão resistiu inquebrantável dizer-lhe tudo passou a ser meu objetivo permanente tentei todos os modos de conseguir atenção vestir-me espalhafatosamente atirar-me feito doido no caminho dela quase a derrubando ao chão simulando desmaios no final da passarela por onde ela vinha desfilando e outros muitos gestos tresloucados e inúteis e pensei que a direção dos ventos do destino tinha mudado quando uma amiga dela me pediu um favor e pus como condição que ela me apresentasse a Íbis a promessa cumpriu-se mas eu adquiri apenas o direito de sentar-me à mesma mesa que ela de dizer-lhe “Oi, Íbis” ouvir uma resposta maquinal “Oi, meu querido, você por aqui...” sofrer ainda mais tendo-a ali parecendo tão perto mas de fato distante e surda como uma galáxia distraída olhando através de mim como se eu fosse uma lâmina de vidro mudando de assunto dirigindo-se a outra pessoa qualquer assim que eu tirava os óculos e balbuciava as três primeiras palavras desesperado pensando em cometer um desatino pôr fim àquilo tudo estava perdendo a agudeza do olhar a firmeza das mãos o controle da respiração andava derrubando tudo à minha volta capricho da sorte estava escrito nas estrelas um dia desses derrubei uns livros velhos relíquias de família que nunca havia lido e conservava só como decoração abaixei-me para recolhê-los dei com os olhos numa página aberta *Modo de se apanhar pássaros com as mãos* pássaros íbis pássaros o livro era do século XVIII a linguagem estranha mas a ideia era clara a receita era simples trigo embebido em aguardente e coca-do-levante o pássaro comia tonteava e se deixava apanhar facilmente trigo não era o caso seria melhor bombons de chocolate ela adorava chocolate um licor fino no lugar da aguardente mas coca-do-levante? o que era coca-do-levante? devia ser o ingrediente fundamental e se não fazia mal aos pássaros era certo que não faria mal a Íbis a prudência mandava ater-me à tal coca-do-levante levante? oriente sol nascente não podia ser a outra coca que era sem dúvida do ocidente ou de pra cá do ocidente sei lá impossível porém achar aquilo revirei dicionários e enciclopédias fui à botica Ao Veado de Ouro aos herbanários da praça João Mendes aos

tudo, s'embora, concentra, voa, tira esse farol alto, ô cara!, pô!, e eu hoje moído de rodar São Paulo inteira, se pudesse dar o número do celular da firma a sogra ligava e eu já tinha achado essa droga de romã!, pra lá, Mercado Central, quase, ei, bróder, segura essa moto aqui pra mim, meu irmão, um minuto só, pelo amor de Deus, questão de vida ou morte!, tem romã aí?, romã?, tem romã?, olhar, como?, se eu nunca vi romã na vida?, não?, largo da Concórdia?, putamerda!, minha filha com cara de romã, de jeito nenhum, filhinha, seu pai não vai fazer isso com você, vai achar o raio da fruta, Senador Queiroz, vai, Carlinhos, Rangel Pestana, tem romã? romã?, sabe onde é que tem romã?, Pinheiros?, caraca, longe paca!, tem certeza?, jura?, que rua?, com esse trânsito?, qualquer caminho, Carlinhos, aguenta, é sua filha, é sua Gracinha, viaduto, túnel, medo não, espera que dá tempo, Gracinha, amorzinho, flor de romã, e romã tem flor, se dá fruta, tem, Gracinha, espera, minha flor que vai dar fruto, vai ser linda, minha filha, não vai ter cara de romã, não, praça Roosevelt, Consolação, me ajuda Mãe do Céu!, Rebouças, pra Pinheiros, rua Capote Valente, ei, meu!, onde é a maternidade?, sei lá, a que tem romã perto, não interessa, uma maternidade, Artur o quê?, é essa, cadê?, maternidade, ali, ei, bróder, porteiro, por favor, onde vende romã?, o quê?, essa planta aí é romã? um pé disso vivo em São Paulo?, no meio do cimento?, vejo nada, no escuro, nem conheço, por favor, chega aqui, abre essa grade, dá uma romã que eu tiro a moto, louco não, é minha mulher grávida com desejo, só quero uma romã, uma só, é romã?, tem certeza, cara, jura que é?, é esta fruta, se abrindo toda, cheia de pedra preciosa, linda desse jeito?, romã? já imaginou, meu irmão, minha filha nascer linda assim como romã, no cimento de São Paulo!?

cerca viva do jardim, da cara de susto e nojo dos incautos que as abriam iludidos; dava-nos quinhentos réis para chuparmos, fora de hora, aquele picolé de origem suspeitíssima, vermelho e deliciosamente proibido; deu-nos num Natal, a Mariana e a mim, a bola de capão tão desejada, que ninguém mais nos daria porque era muito feio menina jogar futebol; para que nos deixassem ir sozinhas à praia, nosso anjo da guarda prometia vigiar-nos da janela do quarto mas jamais contou a ninguém que, em vez de banho de mar e castelinhos de areia, corríamos atrás de uma bola, soltas e felizes, com moleques negros que nos ensinavam a driblar o adversário com arte e malandragem.

Nós, tão mazinhas, gostávamos de cochichar pelos cantos: “Tia Lucinda é solteirona...” e rir, rir daquela palavra que já nos tinham mil vezes proibido de repetir. Tratavam de convencer-nos de que Tia Lucinda era ainda muito moça e aludiam vagamente a um futuro casamento. Para nós tinha que ser velhíííííssima, irmã de vovô, imagine... ao mesmo tempo, achávamos natural que quando diziam “as meninas” se incluísse Tia Lucinda. Ela brincava comigo e Mariana como se fosse uma de nós, fazia roupinhas para as bonecas de louça de ar tão antigo que guardava em seus armários e que nos encantavam. Nós é que, antes dela, nos cansávamos das bonecas e corríamos feito doidas para a praia, descalças e descabeladas, querendo avidamente aproveitar o pouco tempo que nos restava na vida, sabíamos, para fazer coisas de menino: assobiar, chutar bola, passar rasteira, empinar papagaio, jogar bola de gude, pular sela, plantar bananeira, pescar siris... Sabíamos que, cada dia um pouquinho, nos íamos tornando, inevitavelmente, mocinhas a quem quase tudo seria proibido.

De repente eu soube que música era aquela que volteava em minha cabeça desde que vi Tio Tenente tão profundamente triste e digno, com seu ar sempre solene, junto ao caixão de Tia Lucinda: era a marcha grave e lenta que a banda de música tocava invariavelmente, ano após ano, na procissão de minha avó. O que para nós era a grande procissão de vovó de fato era um evento sem significado litúrgico claro, um simples

flagrante. Coisa impensável conseguir ir ao cinema sem elas. Semanas de agonia, de inventos mirabolantes para chegar ao momento tão desejado, a imaginação fervendo, o coração sofrendo, as férias quase acabando e eu sem achar saída. Todas as tardes lá íamos nós, em bando, para o cinema Pathé, ver o seriado do Homem Invisível, que eu não via mesmo, cega pela aflição de saber que ele ali estava, sua mão a poucos centímetros da minha, desejando o mesmo que eu, e uma prima sempre ao meu lado, que tampouco via o Homem Invisível porque não desgrudava os olhos de meu colo, tentando ver por ali, entre as duas poltronas, o excitante acontecimento do encontro das mãos. Impossível, nem tentar. E se ele não passasse na prova? e se a mão dele fosse fria e suada? ou muito áspera, desagradável? e se apertasse demais a minha mão, ou se, pelo contrário, fosse mole, frouxa? O que eu diria depois às fofoqueiras todas quando a notícia se espalhasse? Eu resistia, mas não desistia. Nem ele.

Sofremos, esperamos, ansiamos até que, a dois dias do fim das férias, meu irmão, meu insuportável irmãozinho de sete anos me ofereceu a solução. Recusava-se a tomar o xarope para a asma, responsabilidade minha fazê-lo tomar os remédios direitinho e atendê-lo quando acordava com uma crise no meio da noite. Tinha de fazê-lo obedecer e então ocorreu-me a ideia luminosa da chantagem: “Se você tomar o xarope agora, amanhã eu te levo pra ver o Homem Invisível no cinema”. Ele tomou e, no dia seguinte, cobrou. Custei um pouco a convencer vovó de que sim, ele podia ir comigo ao cinema.

Fomos. E parecia um sonho: eu ali, no escuro, invisível, meu namorado à esquerda, e meu irmãozinho do outro lado, um anteparo impedindo os olhos alheios de ver o que se passava do lado de cá, um biombo vivo que se mexia o tempo todo, saltando na cadeira, gritando excitado, olhos pregados no Homem Invisível, inteiramente desinteressado de quaisquer mãos, salvo as dele mesmo, agarradas ao saco de pipoca. Ah, a alegria das mãos se encontrando! A mão dele era quente e seca porém macia, maior que a minha, acolhedora, acariciante,

Procurei pela casa toda, corri para o quarto no fundo do quintal e lá já não havia mais nada de seu. Era dia oito de dezembro, meu sexto aniversário, e ela tinha prometido me levar à praia para ganhar um presente de minha madrinha Iemanjá. Fiquei desesperado. Polixena simplesmente sumiu da minha vida. Meu pai consolou-me dizendo que Iemanjá levava a babá para seu castelo no fundo do mar porque ela era uma princesa e lugar de princesa é em castelo, quem sabe, um dia voltava para me visitar. Minha mãe calou-se e meu irmão por vários dias olhava-me com maldade e ria com escárnio das minhas lágrimas e queixas.

Cresci, a lembrança de Polixena misturou-se com outras histórias de princesas, dragões, castelos e mistérios, que ficaram guardadas, envoltas em algodão num canto da memória, enquanto eu entrava no mundo imediato da adolescência com seus prementes desejos, medos, sensações e descobertas, mas, de algum modo, eu sabia que Polixena estava no centro daquele sentimento de privilégio e proteção com que eu atravessava a vida. Eu gostava das meninas e elas de mim, a namorada do momento consolou-me quando meu pai morreu, eu quase não via meu irmão e nem sentia sua falta, sentia-me amado, tivera um pai perfeito, tinha uma mãe linda e amorosa, eu era feliz. Meu irmão era infeliz.

Na verdade, nada acontecera, ou quase nada. Eu nem sabia que meu irmão era louco por Marina, e jamais imaginei que Marina, mais velha do que eu, linda e assediada, se interessasse por mim, até o dia do casamento de Renato. Fui para a festa eufórico, tinha acabado de saber que entrara na faculdade, minha vida era uma avenida ampla e ensolarada estendendo-se a perder de vista para o passado e para o futuro. Quando se dispersou o grupo dos que me felicitavam pelo sucesso no vestibular, Marina ficou, puxou conversa, apoiava-se no meu ombro, queixando-se do salto alto demais, não tirava os olhos de mim, pegou um doce na bandeja de prata e pôs na minha boca e eu, meio engasgado pela surpresa, vi então o olhar tenebroso de meu irmão vindo em minha direção. Meu irmão agarrou meu braço, levou-me quase arrastado e ainda tossindo até o jardim, sacudia-me com fúria:

capoeira dos lados do caminho, pras três lavandiscas na poça d'água ali adiante.

Só mesmo você pra me conseguir um emprego bom daquele! Você só me dá alegria, só coisa boa na vida, foi você que me deu até a Sheila, não foi? Eu sei que foi você que viu primeiro ela ali parada na beira do atalho, com a sandália torada, e deu uma freadinha para ela ter tempo de me pedir uma garupa. Foi, não foi? Isso é que é amor, não é, minha bichinha, nem ciúme não tem! Parece que eu estava adivinhando quando vi você lá na loja, linda, roxinha, tão diferente das outras! Ter bicicleta eu sempre quis, vivia alugando aquele ferro-velho de Olegário pra dar umas voltinhas, mas quando vi você me deu uma coisa, fiquei só pensando em você, doidinho, do jeitinho que você me viu por causa da Sheila, enquanto ela começou negaceando, fingindo que não gostava de mim, cheguei a pensar em roubar você, acredita?, e todo o dia era aquela agonia até avistar a loja e saber que você ainda estava lá, ninguém tinha comprado. E agora você é minha!, ou eu é que sou seu?... Iuhuuuuuuu!

Lá vai Maurílio, centauro, um corpo só, de alegria, carne, ossos e aço, empina as patas da frente, cabelos ao vento como farta crina, salta sobre as saliências do caminho, aterrissa na poça espalhando água pros lados, o sol rebrilhando nos respingos e nos aros cromados.

Eita, cuidado!, chegue pro canto que eu não quero confusão com carro da polícia. Estão procurando o que por aqui? Passa direto, não vamos nem olhar... pronto, nem diminuíram a marcha, parece que nem viram a gente. Polícia me deixa sempre nervoso, você sabe, desde aquele negócio da mala. Aquilo foi pesado demais, sabe? Já te contei, não foi?, como é que eu consegui comprar você com o dinheiro mais duro de ganhar da minha vida, o maior medo que eu já passei e até agora, pensando naquilo, eu me tremo todo. Eu que sempre passei longe do Bitola e da galera dele, eu, hein! Aquilo lá não presta, é droga, é assalto, é tudo o que há de ruim, e eu não quero nada com uma gente assim, me guardo dessas coisas que eu quero é ter o coração em paz, mas pra qualquer um pode chegar uma hora como aquela, eles me cercando, a

podia mais disfarçar o meu profundo aborrecimento. Foi então que concebi a ideia de buscar no outro extremo do mundo, num outro hemisfério, um lugar igualmente escuro e frio no inverno mas que me pudesse oferecer, pelo menos por uns tempos, alguma sensação de novidade. Examinei o globo e decidi-me pela Patagônia. Escolhi, *bien sûr*, a viagem marítima e consegui embarcar num navio de carga, que levava também alguns poucos passageiros a preço módico (sabes que não gosto de luxo, tentei sempre ser comum). *Hélas!* Não imaginei o quanto seria difícil aquela viagem para alguém como eu. Passava os dias trancado na minha exígua cabina com as escotilhas e cortinas fechadas, sufocado, tentando dormir. Pouco depois do escurecer, era a vez dos outros trancarem-se nos camarotes e eu não ousava aproximar-me dos tripulantes de guarda, que eram muitos e vigilantes, passando a noite encostado à amurada, olhando tristemente o vaivém do mar e sofrendo sozinho a tortura da fome. Passei muita fome. Impossível, é claro, alimentar-me com aquilo que serviam a bordo. Tive de arranjar-me com um ou outro pássaro marinho extraviado que, atraído pelas luzes, vinha dar, exausto, no convés do barco. Arrependi-me logo de haver-me metido assim, impensadamente, por um capricho, numa longa travessia oceânica, sem calcular as consequências, mas nada podia fazer, a não ser atirar-me ao mar e nadar dias sem fim sob um sol escaldante. É claro que não o fiz. Quando já me encontrava em estado de profunda depressão e fraqueza, o navio finalmente atracou em sua primeira escala na América, avisaram-nos que ali passaria a noite e o dia seguinte e que os passageiros que desejassem podiam desembarcar. Fiquei ineditamente eufórico, esperando ansioso que o sol se pusesse para descer à terra e finalmente encontrar alívio para minha fome e minha sede. Nem prestei atenção ao nome da cidade, sabia apenas que ainda não era a Patagônia.

Atravessei quase correndo a área do cais, cujas fortes lâmpadas me incomodavam, e meti-me pelas ruas àquela hora completamente desertas e mal iluminadas, o que me caía bem. Andei muito sem ver ninguém, até que finalmente aproximei-me de ruas movimentadas mas também